

Pensar rizomaticamente as relações literárias por Timor-Leste

Suillan Miguez Gonzalez
Universidade de São Paulo

Introdução

É no plano da ação e do combate quanto à dominação territorial da ilha de Timor que se conhece a capacidade de reunião de forças, da prontificação ao sacrifício, da reinvenção de um povo quando o que se quer é a liberdade de ser no lugar onde gerações e gerações foram. Muitas jornadas de luta, contra pelo menos três invasores (portugueses, japoneses e indonésios), impactaram um cotidiano que era o da diversidade e do diálogo¹ por meio do comércio, da troca de recursos. A montada da sobreposição portuguesa à organização social local foi acompanhada por uma maior exposição e tentativa de inserção da língua portuguesa em um ambiente de séria concorrência com as línguas distritais. A oportunidade de positivar a língua portuguesa em um cenário ainda mais desolador que a própria intervenção opressiva dos portugueses ocorreu e se liga aos longos anos de resistência ao exército indonésio.

O povo timorense é reconhecido e se reconhece dentro do percurso das frentes libertárias forjadas a partir da preservação de uma memória viva, perpetuada pela palavra e pela tomada de iniciativa de se opor, retumbar. Sendo assim, os adversários deveriam ter em mente que a verdadeira morte só poderia ocorrer pelo esquecimento/apagamento completo das verdades culturais ou então pelo silenciamento, pela morte da imaterialidade da *lisan*². A cada obstáculo contra o poder ser, menos espaçadas ficavam as fibras de entrelaçamento do tecido de (re)significação e identificação, efeito este de coesão social e que repercutiu catarticamente para o mundo.

A via de passagem da potência de ser na adversidade inicia o encadeamento histórico e lança luz para a compreensão dos laços de solidariedade junto aos timorenses. Pareceu haver a confirmação do fracasso bélico e tático em detrimento do poder de reação dos vitimados. As linhas de descontinuidade dos acontecimentos que fizeram com que fosse agregado ao sentido mais geral de resistência, o protagonismo de um povo.

1 Entenda-se como diálogo o contato e não necessariamente o estabelecimento de vínculos, como se não existisse tensão ou então conflitos entre os povos envolvidos.

2 Entre os possíveis significados em tétum, adotou-se a tradução “palavra”.

Para que se possa abordar a elevação do povo timorense a alimento literário de um conjunto de obras junto à produção de escritores na diáspora, todas vistas como flutuantes pelo argumento da inexistência do sistema literário, percebeu-se linhas de contato, relações literárias que foram forjadas ao longo dos vinte e quatro anos de invasão indonésia. E é pela análise de tais relações que se constatou o comportamento rizomático das produções culturais, uma lógica de (des)organização (des)territorializante, a partir da teorização e experimentação proposta pela parceria de Deleuze e Guattari (2000).

Neste ensaio, defende-se que os vínculos desencadeados pelo estreitamento de relações entre escritores timorenses e estrangeiros, evidentes com a publicação de inúmeras obras, prefácios, dedicatórias e epígrafes de apoio à causa de libertação nacional, proporcionaram o tecer de uma teia de colaboração em que o povo timorense e suas verdades culturais se tornaram alimento literário de obras de timorenses e sobre Timor-Leste, para se pensar em um movimento por Timor-Leste.

Entende-se o rizoma como uma proposta de construção do pensamento em que os conceitos não hierarquizados não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. O funcionamento disto ocorre através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades.

Esta proposta rizomática do pensamento busca se contrapor, mas sem negar, o pensamento arborescente, aquele que opera por hierarquização e pela centralidade, ou seja, estabelece um centro de origem (uma genealogia), como os autores exemplificam. O rizoma como um modelo de resistência ético-estético-político refere-se a linhas e não de formas. Por isso, pode fugir, esconder-se, confundir, sabotar, cortar caminho. Assim, tem-se as linhas de fuga que são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva; são linhas de intensidade.

No campo literário, a arborescência em que se instituiu fazer representar a organização de obras em um sistema, com regras específicas de funcionamento e reconhecimento deste como tal, parte-se da visibilidade e apreensão da necessidade de um cânone suficientemente fixo e universal. Este condiciona interpretações para que sua força seja retumbante e redundante, ainda que seletivo e fechado o bastante para ser impermeável ao que cresce invisível para nunca arborescer, mas permear ou marginalizar quando no caminho. A instituição do clássico e do canônico exercita a edificação valorativa, a condução para se pensar mais em se ver oposições que transições.

No emaranhado do rizoma, abre-se passagem para a literatura comparada

O simples gesto de erguer o olhar, arraigado sob a burocratização dos contornos da soberania territorial e cultural individual, para voltar-se ao outro e neste outro encontrar a si mesmo reitera o alicerce sustentado pela diversidade de sujeitos e lugares de elocução. Isto é possível pela concepção de as relações literárias gerarem *corpora* desprendido dos respectivos sistemas literários e um a um formarem o tecido de uma rede contundente de vozes que dilata a densidade da literatura.

De maneira geral, somente o que está à vista e cresce como tronco e copa de arbustos consolida-se na campanha de defesa e da preservação do engenho e arte. Isto quer dizer que quando o enquadramento ocorre como sistema literário, soterra-se escritores e obras; analisa-se insuficientes produções dentro das literaturas de língua portuguesa; ignora-se o conjunto de publicações de literatas deslocados de nacionalidades; e por fim, acredita-se que a maneira de realização organizada e inteligível da literatura de um país reconhecidamente advir culmina no atendimento aos requisitos prescritos por Antonio Candido³ em *Formação da literatura brasileira* (1993):

[...] a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (Candido, 1993: 25).

A preocupação de Candido consistiu em também diferenciar pontualmente a “literatura propriamente dita” – isto é, um sistema de obras ligadas por denominadores comuns – do que chama de “manifestações literárias”, ou melhor, produções isoladas. Isso coloca em xeque a mensuração da consistência por meio do elemento a que determina como continuidade. Há a rigidez de um plano cartesiano voltado a reduzir a leitura do que seja literatura quando atrelada a sistema, uma vez que para atestar a sua existência é preciso se comportar previsivelmente ao longo do tempo para ser passível de tradução (no sentido de Boaventura de Sousa Santos⁴).

Não é de se estranhar que Antonio Candido tenha feito uso da metáfora da ramificação para exprimir o lugar derivativo e hierárquico (inferior) a que colocou a literatura brasileira, fruto de um pensamento arborescente (em mais de um sentido): “nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas...” (Candido, 1993: 9). Tal

3 Crítico e teórico que primeiro trouxe e abordou no Brasil a questão do sistema literário.

4 A tradução para o estudioso em questão assume a forma de um procedimento de interpretação, com o propósito de identificar questões comuns, mas também os contrapontos, entrelaçando diferenças e deslocando dispositivos de poder dos sistemas políticos e sociais, de representação das diversas sociedades.

descrição incorreu, por muito tempo, como uma diretiva capaz de jamais emancipar, valorativamente falando, e por associação, as literaturas “surgidas” ou “firmadas” no século XIX e XX.

Outra proposta que se segue à clássica teorização de Candido e se distancia do sistema literário se liga à ideia de nacionalidade é o projeto de integração regional para o estudo da literatura. Ángel Rama apresenta-se mais arrojado que Candido ao desenvolver a noção de “comarca literária” como possibilidade para que se compreenda a heterogeneidade da cultura latino-americana (Rama, 2004; 2008). Tal proposição entende que as regiões geoculturais do continente em questão possuem uma tradição cultural comum, mas que não necessariamente respeitam limites e fronteiras nacionais. Há uma inclinação de Rama em fazer uso de lupa para acessar a recorrência da literatura sob a unidade do regionalismo. Como exemplo disso, a comarca literária do pampa⁵, em que se tem a literatura e a cultura produzidas na Argentina, no Uruguai e no sul do Brasil. A transnacionalidade (para usar termo ramaniano: transculturação⁶), neste caso, resulta na aproximação identitária e recorte de camadas representativas do ser pampa.

Como avanço à nítida referência ao padrão fixado que a estrutura candiana remonta e em certo sentido flertando com Rama, a teoria dos polissistemas quer abrir mais espaço para a flexibilidade do que se entende como sistema, partindo de um viés funcionalista (sistema dinâmico) pensado por Itamar Even-Zohar. Nota-se como o teórico israelense problematiza o caráter rigoroso da dinâmica que forja o sistema, uma vez que conduz para que se pense nas necessidades inerentes ou individuação do ponto de vista teórico deste:

Advogar pela inclusão ou exclusão de certas circunstâncias/caraterísticas no ‘sistema’ não é uma questão da descrição sistêmica da literatura, mas um problema do maior ou menor êxito que pode se alcançar mediante um procedimento ou outro do ponto de vista da adequação teórica. (Even-Zohar, 2009: 15).

A ideia de unidade, de coesão ou de linha condutora a que se deva existir para se chegar à definição de polissistema ainda não é suficientemente aberta, solta das amarras da categorização que pretende muito mais captar e preservar as relações que vê-las fugazes, múltiplas, imprevisíveis e mutantes. A pauta de Even-Zohar está nas relações sistêmicas significarem a rede, que por sua vez, é necessária para legitimar o todo organizado como “atividades chamadas literárias”:

5 O pampa, na perspectiva de Rama, são territórios que compreendem diferentes regiões, que podem ser partes de países ou mesmo países inteiros, com semelhança de meio físico, produção econômica, sistema social, comportamentos, valores, hábitos, produtos, etc.

6 Diferentemente da noção de *aculturação* utilizada pelo cubano Fernando Ortiz, que carrega aspectos semânticos negativos, relativos à dependência cultural, a noção de transculturação implica no transplante de aspectos culturais que são apropriados de maneira crítica e recontextualizados na nova cultura.

A rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas “literárias”, e conseqüentemente, essas atividades observadas através dessa rede.

Ou:

O conjunto de atividades – ou qualquer parte dele – para que relações sistêmicas que fundamentam a opção de considerá-las “literárias” podem ser hipotetizadas. (Even-Zohar, 2009: 14)

Ao contrário das proposições de Candido e Even-Zohar, é relevante considerar que para o rizoma toda relação, todo ponto de contato é equidistante em um perpétuo jogo de interações. A causalidade que há nisto é caótica e certamente mais fecunda e experimental que a verificação da presença ou ausência de relações para o consenso de um caráter sistêmico. A anarquia de um sem começo e de um sem fim de encadeamentos contempla outras territorialidades para a expressão do literário ocorrer.

Por meio das relações invisíveis que pressupõem o rizoma-escritores de língua portuguesa, linhas de intensidade começaram a se fazer perceber quando no movimento de avestruz a perspectiva subterrânea das ramificações, entrelaçamentos e desvios foi espreitada. No lastro do flagrante, nenhum naufrago, nenhum isolamento ou descontinuidade, o que havia era a densidade da visão do meio, do emaranhado. Adentrou-se em tal emaranhado de produções por Timor-Leste e a surpresa foi vislumbrar, por exemplo, as relações literárias entre Rui Cynatti, Sophia de Mello Breyner Andersen e João Aparício, evidência explicitada no prefácio do livro de Aparício *À Janela de Timor* (1999). Obra esta escrita e densificada pela invasão indonésia, cujas poesias funcionam como um manifesto pela liberdade de uma nação.

A literatura comparada

Não haveria faro e nem fresta com luz incômoda aos olhos para a hipótese da leitura rizomática das relações entre escritores lusófonos se antes não tivesse sido sedimentado o exercício epistemológico da comparação no campo de investigação dos estudos literários⁷. Os pressupostos de ultrapassar todas as fronteiras (é preciso fortalecer a imaginação para fixá-las no lugar onde foram colocadas), da recontextualização da literatura quanto ao histórico e social para a recuperação de questões de fundo como a função social desta e preocupações concernentes ao colonialismo⁸ que uma literatura ou cultura exerce sobre outra(s) fazem da atuação de tal área do conhecimento a potência transgressora, mutável e capaz de expandir-se, porque tece diálogos.

7 Tendo em vista a concepção e desenvolvimento desta pesquisa.

8 René Etiemble, em *Comparaison n'est pas raison* (1963), foi um dos primeiros comparatistas que se preocupou com questões relacionadas ao colonialismo mencionado.

A sabida polêmica sobre a (in)definição do objeto de estudo da literatura comparada em detrimento da literatura “geral” não ser consenso desde a década de 1950 é o sintoma de que é polimorfa e que não cede ao conservadorismo e elitismo, demonstrado, por exemplo, pela vertente estadunidense responsável pelos relatórios apresentados à ACLA⁹. Somente com a virada multiculturalista, com a abertura formal para os estudos culturais, – ainda que isto tenha sido recepcionado como a fragilização da identidade institucional da literatura comparada como campo de investigação – é que se assumiu interesse por objetos de estudo até então restritos a outras disciplinas, seja da sociologia, da antropologia, da filosofia.

Infla-se as possibilidades de ação da literatura comparada em um mundo em que a crise está instaurada (e isto não é necessariamente ruim), que influxos originários dos feminismos, dos estudos pós-coloniais e da filosofia pós-estruturalista (para citar algumas correntes) podem ser apontados como contribuições bem-vindas para o alargamento e reformulação teórica. No entanto, a reflexão relevante para um real avanço é solucionar o forte poder das hegemonias acadêmicas diante de determinadas categorias (identidade cultural, nação, língua nacional e literariedade) construídas e imbuídas de/por marcas históricas frágeis aos interesses de estudos que visam, agora, maior representatividade. Isto tem a ver com ir além das ficções conceituais e de girar em torno do cânone; é muito mais produtivo impulsionar a capacidade de uma revisão que force a crítica ao exercício da metacrítica, de maneira a instigar a problematização dos pressupostos paradigmáticos da própria teoria da literatura.

Por isso, consegue-se alinhar o método-rizoma à literatura comparada, porque se quer obter como resultado um processo de teorização e análise do artefato literário que implique na descolonização do imaginário, sem repatriá-lo. Seria, mais propriamente, redimensionar o atual (des)apreço da crítica cultural às tradições literárias não-europeias em vista do descortinamento de saberes e significações de mundos ignorados ou menosprezados. Entretanto, inseri-los à roda acadêmica não deixa de ser, até certo ponto, a ilusão de que, em verdade, se está a inventar, a partir do gesto interpretativo, o outro.

Levando em consideração o mito da transparência dos processos de tradução cultural, esconde-se uma lógica perversa que anula as diferenças. Se, como Susan Bassnet (1998) afirma, todo processo de tradução cultural pressupõe perdas e ganhos, deve-se restituir a importância de se potencializar os ganhos e, por meio da prática de enxergar as alteridades, prever que algo escapará do original. É justamente a lacuna não preenchida ou mesmo se é preenchida que mudará o *status* da relação no lidar com as idiossincrasias: conscientemente simbiótica (identificação, sentido de

9 Sigla para American Comparative Literature Association, fundada em 1960.

pertença) ou relutantemente afirmativa (o contraste com o outro me afirma no lugar em que estou/sou).

A (in)disciplina da literatura comparada é compatível com a do rizoma, em que se poderia falar em uma perspectiva de essência multidirecional sobre as relações e os textos. Seria o meio de povoar a inteligibilidade de visões de mundo disponíveis e não acessadas, revelar lugares de silêncio dentro da produção cultural mais geral.

A potência rizomática de Timor-Leste verte-se em Rede Literária de Timor

Nota-se o esforço para o reconhecimento de a margem costurar de fora para dentro a própria integração no processo de abertura às diversidades literárias. A questão que se segue à legitimação da diferença cultural é a de que este saber por si só não basta, nestes termos, tem-se o exemplo da consolidação de cooperação entre países lusófonos em torno do empreendimento da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a CPLP. E, no tocante a isto, embora Timor-Leste faça parte da iniciativa cimentada por meio das “pontes naturais” implicadas pela colonização portuguesa, é vítima da indiferença, porque não se tem garantia de que necessariamente o “encontro de culturas” não obedeça à cadeia de subordinação ou hierarquias ancoradas historicamente e academicamente.

O escopo das literaturas de língua portuguesa deveria atender às demandas de estudos quase inaugurais em se tratando da produção literária de alguns países como São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. No entanto, percebe-se forte tendência a escanteá-los ao invés de elevá-los e o motivo tem brigada nas dificuldades acarretadas por toda a sorte de empecilhos alegados: geográficos, linguísticos¹⁰, de ordem política, problemas com a circulação de obras, dificuldade de teorização quando a referência são os sistemas literários seculares da literatura escrita ocidental.

Acomoda-se as produções literárias concernentes a Timor-Leste em um não-lugar, em que aleatoriamente rotas desconectadas são traçadas apenas para a comprovação, mais uma vez, de que não se deve despender fôlego diante do que não possui o encaixe resolutivo da tradição de um projeto de literatura nacional nítido, conciliado, proporcionalmente, às investidas das literaturas africanas. Dito isto, pode-se pensar no escritor timorense Luís Cardoso, considerado único representante da literatura de língua portuguesa de seu país e elevado a embaixador deste no âmbito da lusofonia. Em diversas entrevistas, colocam-no muito mais a cargo de realizar uma espécie de “tradução cultural” de Timor-Leste que propriamente o valorizam em seu ofício de literata, justamente porque não há um corpo de produções sob uma dinâmica previsível de criação e difusão.

¹⁰ Ainda que Timor-Leste tenha adotado a língua portuguesa como o segundo idioma oficial do país, grande parte da população não é falante do Português.

Como complementação ao discurso circular da fragmentação, obscuridade e ausência de qualidade literária em se tratando das produções da literatura timorense, discussões a respeito do termo apropriado para designar e diferenciar o artefato literário local do estrangeiro promovem, ao menos, alguma repercussão. Estão a serviço de sinalizar algumas das singularidades esperadas para a explicitação da autenticidade da des-re-territorialização envolvida nas relações literárias, mesmo assim não se empreende investigação sobre isso.

Em *Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor* (2004) de João Paulo T. Esperança – considerado primevo estudo sobre o panorama de autores, principalmente timorenses – de pronto, faz um alerta sobre o sentido que a escolha dos restritivos junto à palavra literatura (de Timor ou timorense) pode sugerir quanto à exclusão/inclusão de escritores, a considerá-los externos e não filiados a um projeto de literatura nacional:

Antes de mais um esclarecimento se impõem. Porquê literatura “de Timor” e não “timorense”? É que não pretendo limitar-me aqui aos autores nacionais, mas sim incluir também um pouco daquilo que há para ler de naturais de outras paragens que tenham tomado Timor como tema literário. (Esperança, 2004: 1)

Percebe-se que se dispensa o critério da especificidade local e se engloba a considerável recorrência de escritores que se voltaram para temáticas exteriores à própria cultura. É de se registrar que as barreiras supramencionadas foram ignoradas por diversos escritores reconhecidos em seus sistemas literários e ocorreu pelo interesse nas novidades das verdades culturais de um povo-irmão enveredado na rota do sândalo. A opção de Esperança pela apresentação de um panorama integrador coloca-se como sintoma de que as relações literárias tomam a frente como elemento promovedor de uma lógica de produção.

Outros estudos se desdobram a partir da noção apresentada por Esperança. Letícia Villela Costa de Lima, na tese *Metáforas do Mosaico: Timor-Leste em Ruy Cinatti e Luis Cardoso* (2012), endossa-o quanto à diferenciação ou categorização das produções referentes a Timor serem necessárias, sugerindo o exercício de uma leitura em que se rejeita o “fora”, sendo o “dentro” os nascidos no território:

[...] quando tratamos da literatura no caso de Timor, podemos fazer uma diferenciação entre literatura timorense e literatura de Timor. Para isso, seguiremos a ideia de João Paulo Esperança, no livro *Brevíssimo Olhar sobre a Literatura de Timor*, onde aborda não só os autores nascidos em Timor, incluindo os que escrevem na diáspora, que tenham tomado o país como tema literário, mas autores não necessariamente naturais, mas que tenham Timor como tema. Os primeiros autores se enquadrariam na categoria “literatura timorense”, e os segundos, na categoria “literatura de Timor” (Lima, 2012: 63).

A linha de divisão gerada pelas categorias “literatura timorense” e “literatura de Timor” (como há também quanto à literatura macaense e literatura de Macau) é limitadora da confluência relacional, da causalidade e do emaranhado propositivo subterrâneo à superfície simplificada pela verificação de critérios de naturalidade e de território de escrita. Não se chega a esta revelação se não cavar o solo e constatar a fertilidade na propagação de ramificações interculturais.

Interessante é pensar na tríade de escritoras praticamente não estudadas¹¹ Joana Ruas¹², Teresa Amal¹³ e Fátima Guterres¹⁴, mas que forjam exemplo consistente de que o sentimento de pertença a Timor-Leste as fizeram colaborar com a rede de produções por se triangularem sob uma racionalidade de resistência, não mais para combater o invasor, mas para reivindicar voz para as mulheres timorenses. As três *feto sira* (mulheres) podem representar a dialética da lusofonia de produções, inter-relacionam-se não somente por serem conhecedoras do imaginário dos timorenses, mas por alinharem-se pela participação nos eventos históricos decisivos do surgimento do nacionalismo e resistência timorenses, ou seja, são presenças. A saber: Ruas residiu em Viqueque entre os anos 60 e 70, testemunhando os percalços da pós-revolução de 1959; Amal atuou como Observadora na Consulta Popular sobre o Acordo de 05 de Maio; Guterres integrou a guerrilha entre 1975 e 1979, sendo presa e torturada pelos indonésios.

Ainda assim, fazem parte de um círculo com vínculos não superficiais com instituições, políticos, ativismo social, educadores e escritores timorenses. Tais escritoras apresentam perspectivas diferentes de produção: Joana Ruas se insere como romancista dedicada a reunir e recriar a História de Timor-Leste; Teresa Amal (assinando como Cunha) como cronista e militante ascende em uma posicionalidade intelectual que se volta às mulheres timorenses; Fátima Guterres como seu romance autobiográfico é a voz legítima, rememorando a história de si que está na História de Timor-Leste.

No âmbito da Política Educacional, houve parceria de universidades portuguesas e o Ministério da Educação de Timor-Leste; a portuguesa Ana Margarida Ramos (2012) fez parte da construção do cenário mais atualizado no concernente às produções literárias timorenses, justamente pelo fato de ter participado da elaboração do material didático de Literatura (em Português) para o Ensino Secundário das escolas de Timor-Leste. Isto lhe proporcionou o contato efetivo, além da eleição de obras e escritores, a já integrarem uma perspectiva de estabilização de representatividade literária timorense, instituído, portanto, pela legitimação do ensino.

11 A tese de doutoramento *A rede literária de Timor*, defendida por mim na Universidade de São Paulo, apresenta um capítulo em que contempla as obras das escritoras mencionadas.

12 Escritora portuguesa da tetralogia sobre Timor-Leste “A pedra e a folha”.

13 Ativista feminista e pesquisadora do CES – Universidade de Coimbra, escritora angolana de obras sobre Timor-Leste, entre elas *Sete Mulheres de Timor*.

14 Foi da Rede Clandestina e escritora timorense de *Timor – Paraíso Violento*.

O olhar formado diante desta experiência perpassa pelo roteiro histórico e pela viabilidade de uma literatura em língua portuguesa como parte da manifestação da resistência do povo timorense. Incluídos estão os considerados mais importantes escritores timorenses de língua portuguesa, como Jorge Barros Duarte, Francisco Borja da Costa, Jorge Lauten, Celso Oliveira, Xanana Gusmão, João Aparício e Abé Barreto Soares. Quase todos estão representados na coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (1982), publicada em Luanda pela União de Escritores Angolanos (UEA, 1982).

À semelhança das outras literaturas que se revelaram após a independência dos respetivos países, como aconteceu, diferentemente, é certo, com os países africanos de língua oficial portuguesa, a literatura timorense vem fazendo, desde há décadas, um lento caminho de construção e afirmação, pesem embora as inúmeras vicissitudes do processo político e social e as suas repercussões de índole cultural e, mais especificamente, literária. No caso timorense, a diferença em relação aos países africanos acentua-se pelo facto de, face à ocupação indonésia, a língua – e consequentemente a literatura – ter desempenhado relevante função de resistência e de intervenção, sendo que a rutura com a herança e o paradigma português não se realizou de forma efetiva ou total. (Ramos, 2012: 151)

Verdadeiramente, a expectativa é que a literatura seja previsivelmente detectada em seu início, parta de referências a serem superadas e caminhe para a centralidade valorativa e majoritária em vista de – reproduzidos os modelos conhecidos – possa se aproximar do arranjo canônico. No caso de Timor-Leste, constata-se que se vai tramando ao tecido histórico, político, social e cultural implicados na literatura a complexidade da flutuação, de ser nuvem e de desenhar na liberdade do azul celeste a frequência de chuvas, passeios ao léu ou esvanecimento. A questão passa por entender que não se trata de um aglomerado de escritores, mas de uma combinação de participações como as gotas diminutas de água ou de cristais de gelo em suspensão para compor as nuvens, sendo que para Timor forjam o movimento voltado para a densidade de entremear.

Ainda sobre os estudos que se dedicaram às literaturas de língua portuguesa e deixaram pistas sobre o caráter decisivo das relações, Benjamin Abdala Jr. em *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos* (2003), livro com o objetivo de discutir textos construídos em torno da utopia libertária, menciona brevemente o Timor no capítulo “Fronteiras Múltiplas e Hibridismo Cultural: Novas Perspectivas Ibero-afro-americana” como exemplo de um país que acabou por promover a manifestação de movimentos comunitários supranacionais em prol de uma intervenção principalmente dos países de língua portuguesa quanto à desejada autodeterminação. No entanto, Abdala Jr. ainda não inclui o Timor nas “novas perspectivas” já que se restringem a países do mundo ocidental: “ibero-afro-americana”.

Em outra oportunidade, Abdala Jr. percebe a “incipiente” literatura timorense, referindo-se à influência da perspectiva da oralidade, à pluralidade linguística e à militância política frente ao crítico fardo da opressão indonésia. Isto implica que nas edições das obras de Fernando Sylvan e Xanana Gusmão, por exemplo, haja a necessidade de se darem em duas ou três línguas.

A contemporaneidade da literatura timorense de língua portuguesa e a particularidade da literatura “sobre o Timor” (produzida nos anos de invasão indonésia por portugueses e africanos) sinalizam relações *sui generis*. Posto o engajamento político, neste caso, vai além, apresentou-se como humanitário, dando provas da solidariedade entre povos com herança colonizadora em comum. E com isto, as literaturas de língua portuguesa ganham outras militâncias e formas de diálogo para compreender o despertar da literatura timorense de língua portuguesa.

Assim sendo, vê-se improdutivo inventariar todas as obras timorenses e acrescentar as publicações “sobre Timor” para que o montante signifique a representatividade literária. Acredita-se ser possível oferecer uma leitura, aproveitando a potência rizomática do povo de Timor-Leste em encadear relações literárias e afastar o que seria uma fragilidade beirando a inexistência do sistema literário, para se pensar em Rede Literária de Timor e problematizar o trânsito e a permanência de vozes até então pouco conhecidas, porque o que se enxerga é, essencialmente, uma (des)organização pela análise das relações.

A fecunda semente do rizoma de Timor pode ser exemplificada na obra dedicada ao cruzamento de destinos da língua portuguesa, do angolano José Eduardo Agualusa que traz em *Milagrário Pessoal* (2010) capítulo dedicado à “curiosa história do professor primário timorense Fadário da Luz do Espírito Santo, que durante o período da ocupação indonésia percorria cidades e aldeias declamando, em sessões clandestinas, os sonetos de Camões” (Agualusa, 2010: 86). O narrador angolano, um acadêmico aposentado, conta a história de um timorense apaixonado pelos versos de Camões (e não propriamente pelos portugueses), que declama os sonetos com um leve sotaque brasileiro e que pelo uso da língua portuguesa, no contexto de ocupação, protesta.

Ou o inverso, um protagonista timorense, representante de uma “geração perdida” na diáspora, criado em Lisboa, mas desaparecido em África. *Andanças de um Timorense* do leste-timorense Ponte Pedrinha (1998) é a truncada obra do retorno a um mundo em conflito, já não mais de sacrifícios exclusivos de timorenses se não estendido ao solo africano.

A navegação de literaturas, de escritores, de obras, de poemas no arcabouço cultural de Timor-Leste é indistintamente realizada por vias-passagem, vias-retorno, vias-pertença, vias-solidariedade, vias-resistência, vias-colaborativas, vias-ausências. Como não há bússola, somente horizonte, o campo de experimentação é extremamente atrativo, produz o efeito caleidoscópico, entremeia, sem regular o resultado ou efetivar paradigmas.

As linhas de intensidade das relações de Timor com os fluxos de contato são tão sutis e ao mesmo tempo penetrantes que em um dado momento passam, sigilosamente, a *alma mater* do rizoma. Os mais diversos motivos reúnem vozes para falar junto do povo timorense, mas o principal deles é o preenchimento dos espaços de identificação, de resistência e de reciprocidade de legitimação na produção cultural compartilhada. O que as produções literárias por Timor-Leste proporcionam, afinal, é a passagem, ou seja, conexões que encadeiam relações entre escritores para fortalecerem as vozes da margem, em que alguns destes apenas transitam (Sophia de Mello, por exemplo) e outros permanecem (Rui Cynatti, Joana Ruas, Teresa Amal e Fátima Guterres, por exemplo) no emaranhado da rede.

Considerações finais

Partindo do problema do lastro das relações entre portugueses e timorenses serem hierárquicos e de desqualificação, houve o dissonante posicionamento de Rui Cinatti, porque se quis parte de Timor, que fundou a vinculação afetiva mais emblemática entre portugueses e timorenses. Converteu-se poeta, tanto quanto o povo timorense é, e na expressividade de um projeto literário pautado na tradição da oralidade se tornou a referência para a incursão nas verdades culturais de Timor. Cinatti foi recorrido e acionado como “presença viva” de quase todas as vozes que se reuniram em torno de Timor, uma vez que a irmandade selada pelo pacto de sangue com um *liurai* propagou a sensibilidade para a aproximação (porque suas obras também significaram a efetuação da tradução cultural), bem como a horizontalidade de relações.

Com a divulgação das imagens das atrocidades pelas quais Suharto submeteu a população da ilha do crocodilo, estando os portugueses sob o sistema político da democracia e as ex-colônias independentes (porém em sistemas ditatoriais muito perversos), Timor-Leste estava em situação aparentemente sem solução, o que pareceu ter o efeito do absurdo. Muitas iniciativas textualizadas em prefácios, dedicatórias, epígrafes, poemas e mesmo obras passaram a sinalizar a imprevisibilidade da comunicação entre escritores da margem a que se coloca as literaturas de língua portuguesa. Tais produções literárias não estavam alinhadas a uma corrente, movimento ou estética, mas certamente se destinavam ao povo timorense, endossavam e legitimavam a causa de libertação nacional. Quando vislumbrado sob a natureza de um rizoma e sob a perspectiva da comparação, claramente o conjunto de produções se fez uma coleção factível de leitura pela análise das relações literárias.

Referências Bibliográficas

- ABDALA, B. J., [2003]. *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial.
- AGUALUSA, J. E., [2010]. *Milagrário Pessoal*. Rio de Janeiro: Língua Geral.
- AMAL, T., [2006]. *Sete Mulheres de Timor*. Coimbra: Acção para Justiça e Paz.
- APARÍCIO, J., [1999]. *À Janela de Timor*. Lisboa: Editora Caminho.
- BASSNET, S., [1998]. *Translation Studies*. 4th Revised Edition. London: Routledge.
- CANDIDO, A., [1993]. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F., [2000]. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34.
- ESPERANÇA, J. P. T., [2004]. *Um brevíssimo olhar sobre a literatura de Timor*. In: Várzea da Letras, Edição 04. Suplemento Literário de Semanário.
- EVEN-ZOHAR, I., [2009]. *Polysystem Theory*. In: Polysystem studies. [=Poetics Today]. Durham NC: Duke University Press, pp. 9-26.
- GUTERRES, F., [2014]. *Timor – Paraíso Violentado*. Lisboa: Lidel.
- GONZALEZ, S. M., [2018]. *A rede literária de Timor*. 2018. 218 f. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- LIMA, L. V. C. de., [2012]. *Metáforas do Mosaico: Timor-Leste em Ruy Cinatti e Luis Cardoso*. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PEDRINHA, P., [1998]. *Andanças de um Timorense*. Lisboa: Edições Colibri.
- RAMOS, A. M., [2012]. *Literatura Timorense: Da emergente à legitimação*. In: Caderno Seminal Digital, Vol. 18, n. 18, Jul / Dez 2012. Rio de Janeiro: Dialogarts.
- RAMA, Á., [2008]. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Ed. Siglo XXI.
- RAMA, Á., [2004]. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca.
- UEA – UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS, [1982]. *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.